

INTELECTUAL SEM CHÃO: OS DIÁRIOS DE RICARDO LÍSIAS E NUNO RAMOS

[INTELLECTUALS AT A LOSS: THE DIARIES OF RICARDO LÍSIAS AND NUNO RAMOS]

DANIEL R. BONOMOⁱ

<https://orcid.org/0000-0003-4516-7683>

Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte, MG, Brasil

Resumo: O artigo reflete sobre as condições do indivíduo intelectual em meio à crise provocada pela afirmação do bolsonarismo no país, aproximando dois títulos: *Diário da catástrofe brasileira*, de Ricardo Lísias, e *Fooquedeu*, de Nuno Ramos. Ambos têm em comum a autodefinição como diários e assim implicam ideias de experiência cotidiana e autorrepresentação. Produzem desse modo um enquadramento em condições de figurar o trabalho intelectual para além das noções normativas que usualmente o conceituam. O interesse que os títulos despertam parece residir no modo como opõem à desorientação diante da crise representações que procuram formular, no interior mesmo do campo intelectual, a dificuldade de assimilação do novo momento histórico.

Palavras-Chave: Literatura brasileira contemporânea; bolsonarismo; representações do intelectual

Abstract: This article addresses the situation of the intellectual within the crisis caused by the consolidation of Bolsonarism in Brazil, focusing on the discussion of two titles: *Diário da catástrofe brasileira*, by Ricardo Lísias, and *Fooquedeu*, by Nuno Ramos. Both have in common the self-definition as diaries and thus imply ideas of everyday experience and self-representation. In this way, they produce a framework that is able to depict the intellectual activity beyond the normative notions that usually conceptualize it. The interest that these titles arouse seems to lie in the way they oppose the disorientation in the face of the crisis to representations that seek to formulate, within the intellectual field itself, the difficulty of assimilating the new historical moment.

Keywords: Contemporary Brazilian literature; bolsonarism; representations of the intellectual

Seria oportuna a realização de um estudo aprofundado que vinculasse certa ideia de ficções do cotidiano com a condição do indivíduo intelectual durante a crise marcada pela ascensão ao poder de Jair Bolsonaro. O estudo traria uma contribuição importante, mas precisaria enfrentar uma questão relativamente complicada. Quer dizer, o interesse cresceria, sem dúvida, se ele não ficasse restrito à acusação de que, diante da crise, os intelectuais em geral erraram, ou fizeram pouco, ou no máximo ofereceram a resistência possível. Pensar dessa forma é prescrever um conceito normativo de intelectual não coincidente absolutamente com as realidades que o movimentam. Se as diferenças na atuação do indivíduo intelectual são determinantes, não por isso concluem o problema. Assim, um estudo dessa natureza talvez pudesse fazer ver, antes de tudo, o próprio intelectualismo, meio convulsivo, instável, e não propriamente o anti-intelectualismo da era Bolsonaro. Isto é, ver a intensidade das práticas intelectuais no período, além da qualidade diversa nos usos e recursos, perceber o fator intelectual decisivo para a configuração da realidade crítica em mais de um sentido. Dar abrangência à discussão parece exigir que se incluam no quadro variantes menos óbvias, que se legitimam ou se deslegitimam não sem motivos. Entre os que fomentaram intelectualmente a afirmação no Brasil de uma nova e extrema direita, Olavo de Carvalho desempenha um papel central, mas além dele foram muitos¹. As novidades não ficaram, além disso, restritas à direita. Dos radicais aos moderados proliferaram nos meios de comunicação — jornais, rádios, televisão e internet — diferentes qualidades de registro intelectual. Para quem procurou acompanhá-las, incluindo-as na experiência cotidiana, o que primeiro saltou à vista não foi a meditação consistente no exercício do pensamento, mas o delineamento palavrório e assediante, os efeitos de disputa que, um tanto ruidosamente, tomaram de assalto a cena pública. Nesse sentido a crise política e da sociedade foi também uma

¹ Seguem alguns exemplos, sem nenhuma intenção exaustiva: guias chamados “politicamente incorretos”, como os de Leandro Narloch, *Guia politicamente incorreto da história do Brasil* (2009), e Luiz Felipe Pondé, *Guia politicamente incorreto da filosofia* (2012); *Por que virei à direita* (2012), de Denis Rosenfield, João Pereira Coutinho, Luiz Felipe Pondé; *Esquerda caviar* (2013), de Rodrigo Constantino; *Década perdida: dez anos de PT no poder* (2013), de Marco Antonio Villa; *Não é a mãe* (2014), de Guilherme Fiuza; *Mentiram (e muito) para mim* (2014), de Flavio Quintela; *Pare de acreditar no governo* (2015), de Bruno Garschagen; *Por trás da máscara* (2015), de Flavio Morgenstern; *Sorria, você está sendo enganado* (2018), de Rafael Libardi; entre outros. Da obra de Olavo de Carvalho, tiveram destaque títulos como *O imbecil coletivo* (1996) ou *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* (2013).

crise intelectual, e só não foi inteiramente marcada pelas discordâncias porque importa a formação dos consensos, a convergência para a defesa dos interesses diversos. Houve, por isso, quem notasse o traço cumulativo dessa crise. Entre os intelectuais midiáticos, sobretudo, houve um verdadeiro “empilhamento” (Moraes, 2022), por assim dizer, de opiniões concordantes. É relevante a ideia não apenas porque sugere o assentamento da indistinção crítica, mas também porque modifica a imagem fornecida pelo hábito (e certo desejo) do intelectual como um indivíduo pronto para pensar com autonomia e contrapor à realidade uma explicação procedente.

Na crise do bolsonarismo, um intelectual que porventura estivesse acostumado com a orientação de uma norma ficou exposto à falta de obviedade do conceito que lhe parecia mais ou menos circunscrito. O anti-intelectualismo que se renovou aí mostrou ser um intelectualismo não pelo seu gesto mais caricato. Da dúvida sobre a esfericidade do planeta à admissão do insulto como etapa necessária à construção do argumento, o ataque à inteligência parece ter ocasionado uma reconfiguração de todo o campo. Não cedendo à insensatez, ele é por isso também modificado. A preferência do debate deixa de interessar apenas à formação e revisão das ideias que se lançam com validade, para acudir a preservação dos lugares social e discursivo conquistados para o conceito. Nesse contexto, a concorrência entre expressões intelectuais de qualidade diversa não se deixa filtrar sempre com o devido critério. No dia a dia, a embrulhada se torna constitutiva e é intensificada pela aceleração e pela multiplicação dos meios que a propagam. Como as linguagens são muitas, formam-se zonas mais ou menos autossuficientes (as “bolhas”), que servem bem à proteção das opiniões feitas e, por um momento, encobrem a confusão. Mas a realidade é que o excesso e a concorrência, na prática, vão dificultando e borrando diariamente os limites entre o exercício do pensamento e a palavra professoral, que pode vir de um conselheiro autorizado, um especialista encomendado, influenciador exaltado ou *life* ou *business coach*. A conformação dos discursos aos meios reforça a unidade nos efeitos de indistinção, e a quantidade excede naturalmente a qualidade. A questão que se impõe nessas circunstâncias é: pode o intelectual ligado ainda a um compromisso que o orienta seguir trabalhando como se a realidade que o define não houvesse alterado?

Nesse sentido, vale reconhecer o surgimento, simultâneo ao processo de instalação do bolsonarismo, de uma literatura marcada pela representação de uma crise

específica, a crise do indivíduo intelectual nesta época. Como viu Edward Said, “intelectuais são indivíduos com vocação para a arte de representar” (2005, p. 27). Significa, nos seus termos, que não só representam algo para um público como também representam a si próprios. Não são só as ideias que interessam, mas o indivíduo e suas circunstâncias, e a forma como as enuncia. Às convenções do intelectual é associado um tipo específico de autoria: “Quando leio Jean-Paul Sartre ou Bertrand Russel, são suas vozes e presenças específicas e individuais que me causam uma impressão para além e acima dos seus argumentos” (Said, 2005, p. 27). O que vale para figuras de vulto como Sartre e Russel tem alcance genérico, não é apenas aplicável ao intelectual de peso. É preciso ter em mente a consciência de que a atividade do indivíduo intelectual coincide com uma forma intelectual, e que toda forma faz diferença, como faz diferença o todo da forma. Além disso, o indivíduo implica uma complexidade a mais, irredutível até certo ponto. Por exemplo, diz ainda Said, para além das ideias, definem Sartre o seu envolvimento com Simone de Beauvoir, a sua disputa com Albert Camus ou a aliança com Jean Genet, “complicações”, ele diz, que “dão textura e tensão ao que ele disse, expondo-o como ser humano falível, não como pregador monótono e moralista” (2005, p. 28). O Sartre de carne e osso participa da autoria do Sartre homem de ideias e acrescenta a esta uma vulnerabilidade que não o diminui como pensador.

Esses dois pontos, que dizem respeito à forma como os intelectuais encenam uma representação e como estão sujeitos à vulnerabilidade, ganham importância no contexto da crise do bolsonarismo. Mas o que faz ver essa relevância é um tipo de investimento estético a que nem todo intelectual se dispõe. Na relação com o indivíduo intelectual que se representa, retorna o interesse por uma ficção do cotidiano. O processo que levou à eleição de Jair Bolsonaro, o estilo de governo que se conheceu a partir de 2019 e toda a cultura que se fez ligar a ele motivaram um tipo particular de literatura, que talvez se possa denominar como uma literatura do intelectual sem chão. Ou uma literatura do intelectual com baixa imunidade, capaz de tensionar com interesse tanto as realidades que dizem respeito à norma que ele inspira como também as que dela escapam e as que manifestam sua crise em conformidade com o tempo. O anúncio do resultado das eleições presidenciais em 2018 é possivelmente o marco dessa literatura. Ainda que uma série de episódios tenha preparado a eleição de Bolsonaro, entre os que se opuseram a ela não havia exatamente uma predisposição disponível. Diagnóstico

nenhum teria diminuído a mistura de espanto e mal-estar. Mesmo a ideia de que se vive uma catástrofe contínua não pôde atenuar o abalo no momento. Para os intelectuais que se opuseram à eleição de Bolsonaro com a certeza de que significava um desastre, foi difícil vencer o aturdimento e passar à elaboração do que experimentavam.

Aqui, a expressão desse abalo como ressignificação do entendimento do indivíduo intelectual é lida em dois títulos: *Diário da catástrofe brasileira*, de Ricardo Lísias, e *Fooquedeu*, de Nuno Ramos. A noção de intelectual visível nessas duas representações não corresponde inteiramente à de modelos consolidados, a começar pela refutação do romantismo sem base que tantas vezes afasta o artista do campo das ideias refletidas. Já sua inscrição no plano literário é experimental nesse sentido. A forma dessa inscrição muda, porém, em cada um dos títulos. O de Ricardo Lísias é composto por entradas cronologicamente organizadas para comentar, de uma perspectiva pessoal, o seguimento da realidade a partir da eleição de Jair Bolsonaro; o de Nuno Ramos reúne um conjunto de textos breves com entradas temáticas, um “confessionário ensaístico”, na definição do autor (2022, p. 191). Os textos em *Fooquedeu* não são datados, mas, na “Introdução”, diz Nuno Ramos que os escreveu entre 2016 e 2019 (2022, p. 190). São dois tipos de autorrepresentação e isso implica uma série de dificuldades. Os dados biográficos não exercem aqui influência sobre a leitura para além da representação que os produz, assim como ficam de fora da análise os motivos que sugerem relações significantes para uma interpretação atenta ao conjunto da obra dos autores. O interesse está limitado ao que a leitura dos dois títulos aproximados pode comunicar sobre uma crise na representação do indivíduo intelectual à época da ascensão ao poder de Jair Bolsonaro. Não se quer totalizar com isso as experiências particulares e apreendidas além disso particularmente para elevá-las a paradigma, mas perceber como potencializam uma certa compreensão do assunto. A propriedade dessa compreensão está diretamente vinculada às escolhas que fazem. Não por acaso são diários, ainda que nenhum dos dois possa ser definido como diário sem problematizar o gênero. Especificidades à parte, a opção pelo diário nos dois casos articula uma temporalidade progressiva, parcelada, que se faz a retalho e parece adequada, assim, não só ao debate, mas também para o debater-se do intelectual no contexto adverso.

Um excesso de nada

Nenhum outro título publicado no passado recente registra tão minuciosamente as agruras cotidianas vividas pelo cidadão que foi contrário à forma política implantada no país com a eleição presidencial em outubro de 2018 como o *Diário da catástrofe brasileira*, de Ricardo Lísias, em dois volumes: *O inimaginável foi eleito* (2020) e *Um genocídio escancarado* (2021). No primeiro volume, abrangem-se os meses seguintes à votação em 2018 e o ano de 2019; no segundo, o ano de 2020. Nos dois são notáveis o compromisso do autor com a documentação dos acontecimentos diários, por um lado, e a tentativa, por outro, de apresentar discussões relevantes e completá-las com linhas de argumentação coerentes. Não é tarefa simples porque, à falta do distanciamento histórico, é somada a novidade excessiva e confusa do bolsonarismo no governo, a dificuldade, portanto, de acompanhar a quantidade cumulativa de acontecimentos que aturdem e resistem à assimilação, enquanto compõem um alarido incomum, a cena pública ruidosa e desgovernada. Numa entrada do diário em setembro de 2019, o autor associa a falta de clareza no plano dos acontecimentos com a recordação do céu carregado, tomado por fumaça preta, a aparência de noite em plena tarde, em São Paulo, um mês antes (Lísias, 2020, p. 270)². O apelo simbólico serviu de imagem para o cotidiano, para a existência ameaçada, e para necessidade de ter clareza, o que não deixa de traduzir um sentimento comum à condição intelectual no momento.

O desafio primeiro nesse sentido de um projeto como o de Ricardo Lísias é insistir no que pode emprestar unidade e coerência a quem entra em campo para enfrentar uma realidade à qual parecem faltar tais qualidades. O autor sente que precisa opor uma forma de constância à inconstância do que comenta. Mas as condições não favorecem o que seria a calma apropriada à análise. É como sair em meio à tempestade, botando à prova a resistência dos instrumentos de medição. Em tais circunstâncias, a iniciativa, que adquire conotação de urgência, não deve recuar diante da probabilidade do erro. Afirmarções que se evitariam em outras circunstâncias parecem reivindicar legitimidade neste enquadramento. Já o desabafo reclama um lugar nas considerações iniciais: a ideia de que intelectuais se equivocam é um dos primeiros temas no *Diário*. Reconhecer que houve incredulidade e otimismo ingênuo até a eleição de Bolsonaro coloca-se como

² O fenômeno foi atribuído à soma de condições climáticas específicas com uma sequência de queimadas ocorridas na região amazônica.

exigência para a reflexão sobre a atitude intelectual em 2018. O que se registra é uma desorientação geral, na esteira do despreparo: “Ninguém consegue nos explicar muita coisa. [...] Nossos intelectuais de sempre continuaram sendo convidados pelos mesmos espaços para dar as explicações de hábito” (Lísias, 2020, p. 21). Abre-se com isso uma frente discursiva no *Diário* primeiramente com a renúncia inconformada da serenidade intelectual incapaz de refrear a barbárie. Não se trata de recusar a atitude intelectual em si. Pelo contrário, o *Diário* não se compreende senão pelo desejo de intervir no trabalho intelectual. Mas, se o mundo conformado à instauração da barbárie admite a presença da crítica intelectual constante, é preciso então que ela sofra uma boa revisão. O propósito do *Diário* não é tão amplo, claro, nem tão ambicioso, para querer restabelecer princípios para a atividade intelectual, ou passar em revista os fundamentos de uma derrocada do espírito. Intervir no sentido da atividade intelectual significa antes deflagrar sua crise, não só acusando movimentos em falso nos colegas de profissão.

Aproveitando-se da sugestão prevista na famosa imagem do anjo de Paul Klee/Walter Benjamin, que se utilizou à exaustão para falar do processo histórico como um acúmulo de ruínas, Lísias entende que, em 2018, o intelectual acabou soterrado pelos escombros do tempo (2020, p. 21). O peso incluído na metáfora diz respeito à sensação, sem corresponder, por exemplo, à natureza volante de alguns dos agentes responsáveis por esse soterramento, por exemplo, as imagens-mensagens compartilhadas por redes sociais. Mas o bombardeio levado a cabo pela proliferação de memes via internet não foi sequer direcionado à parcela dos cidadãos que poderiam sentir-se derrubados com isso. Assim, a perturbação do intelectual foi também perceber em 2018, com certa defasagem, como estava alheio a processos que seriam cruciais para o destino comum. Lísias parece observar uma necessidade de atualização, ao reunir, reproduzindo e comentando, imagens produzidas pela extrema direita e veiculadas nas redes, várias delas ligadas à campanha de Bolsonaro. Faz observar com isso elementos importantes de uma violência estética. No contexto do *Diário*, porém, as imagens têm ainda outra importância. Com lógica primitiva, aspecto grotesco e eficácia comprovada, elas dão a medida do abismo que separou as realidades efetivas no país de uma razão intelectual ao que tudo indica em estado de ineficiência. Como não passa de amostra, o conjunto dos memes reproduzidos no *Diário* opera exemplarmente, remete à extensão

desconhecida das imagens que circularam na internet. Sempre está em jogo o excesso, inapreendido em sua completude pela visão intelectual.

É uma impressão de excesso que se impõe com velocidade, transforma o que se conhecia e se espalha com péssimas consequências, antes que se possa organizar uma justa compreensão, o que se lê no *Diário*. A forma como lê a Operação Lava Jato é um exemplo desse excesso: se, para alguns, os mecanismos do seu funcionamento enviesado pareceram claros desde o início, para outros tantos setores da sociedade as suspeitas de *lawfare* eram mais ou menos toleradas até o vazamento das mensagens trocadas entre procuradores do Ministério Público e o juiz Sérgio Moro, em meados de 2019. A revelação dos bastidores da Operação, iniciada pelo site *The Intercept*, permitiu avançar pouco a pouco um entendimento vinculando dados da realidade que andavam dispersos. Como se vê, o trabalho de investigação é deslocado: cabe agora ao espectador da cena pública encaixar as peças que evidenciam uma composição espúria. Não é de repente que se faz isso, mas dia após dia, a cada novo elemento que surge ou é recordado. Lísias não deixa passar como anedota, por exemplo, a notícia da preferência de Sérgio Moro por quadrinhos de super-herói. Parecia pista importante, em 2018, enquanto o juiz mantinha ares de mistério, a informação dada por um jornalista no bairro de Juvevê, em Curitiba. Pode ser embaraçoso, mas não é absurdo, considerando o cenário, procurar pela visão de mundo do juiz nos gibis de super-herói, como faz então. Não diminui o exercício intelectual investigar no rocambo das histórias do Batman e do Homem-Aranha os valores que informam gente em condições de interferir tão decisivamente nos rumos do país. No entanto, as conclusões a que chega, em sua apreciação da Lava Jato, são antes de tudo exemplares de como lidar com as realidades do excesso. Para o autor do *Diário*, em resumo, a Operação Lava Jato se apresenta como

[...] uma série de TV com extensões intermídia que conta com a) gravações seriadas sob a forma de audiências judiciais (aqui pode-se lembrar, com bastante modulação, de um certo teatro pós-dramático); b) uma extensão na imprensa política; c) um braço de reforço ficcional, dirigido nesse caso pelo cineasta José Padilha; d) textos de acompanhamento sob a forma de sentenças e outras manifestações do Poder Judiciário; e) performances representando diligências, conduções coercitivas e outras ações policiais (Lísias, 2020, p. 228–229).

Não importa aqui discutir os termos ou cada um dos pontos, que teriam suas justificativas, mas dariam também motivos à problematização. Interessa a procura por um método, a tentativa de vencer o excesso com a listagem, que procura, enumerando, desenredar o que a simultaneidade enreda e a ideologia amarra. Não são sempre os mesmos, porém, os excessos da época. O da Lava Jato foi um, caracterizado, como se vê na síntese acima, por acordos, procedimentos que se repetem, diversificam os meios, e se valem da autoridade legal. Mas, como é um excesso que se organiza de algum modo, é também desorganizável em princípio. Quer dizer, é um excesso que se deixa reorganizar na direção contrária, se se apresenta a ocasião do sentido avesso. O excesso do bolsonarismo por sua vez parece ser de outra espécie, parece não se enredar e nem deixar se desenredar do mesmo jeito. Da forma como se apresenta no momento, é outra a confusão, a ponto de fazer o caos parecer algum tipo de método. Lísias traduz a confusão excessiva em “efeito-cascata”:

O mito anuncia que vai acabar com o Ministério do Trabalho. As redes sociais logo se inflamam. Ele então revela que transportará a embaixada do Brasil em Israel para Jerusalém. De novo, os seguidores fiéis atualizam suas postagens. E por aí vai, em um efeito cascata que dá a impressão de atividade política. Quando o assunto do Ministério do Trabalho voltar, mil outros já terão passado. Os fiéis irão defender a nova resolução, sem notar a contradição (Lísias, 2020, p. 61).

A noção indica uma continuidade descontínua ou uma descontinuidade contínua, o que dá no mesmo. A realidade não se deixa reorganizar, agora nem mesmo como farsa. É como se a preocupação com a manutenção de alguma coerência perdesse toda a importância ou como se houvesse agora uma preocupação com a manutenção da incoerência, não se sabe ao certo. À diferença do que ocorreu com a Operação Lava Jato, o caos do bolsonarismo estabelecido no governo já não oferece ocasião a um desenredo. O descontrole da multiplicação dos eventos responsáveis pelo sentimento do caos dá ao cotidiano o aspecto de um contrassistema feito de inutilidade e desperdício. Será possível ficar ainda na face negativa desse não sistema, acusar a dissipação de energia, mobilizar as estratégias de resposta, mas será complicado, senão impossível, querer reverter o desarranjo por um retorno simétrico, por via equivalente rumo à ordem prévia. Na entrada de 15 de janeiro de 2019, o autor inclui, provavelmente durante a revisão do *Diário*, ao mesmo tempo um prognóstico e uma chave de leitura. Ele escreve que o país “irá mergulhar em um pesadelo, em que cada nova presepada oficial irá

suplantar a anterior e desafiar nossa capacidade de absorção” (Lísias, 2020, p. 75). O uso da primeira pessoa do plural não trai uma incapacidade exclusiva do autor. Generalizar o aturdimento causado pelo bolsonarismo feito governo não diz nada que possa ofender a classe dos intelectuais, pelo contrário. Aceitar que a novidade ao mesmo tempo requer e dificulta a assimilação é um primeiro passo.

Marca a leitura do *Diário* verificar como os recursos intelectuais são requisitados para a assimilação do novo momento. É também um diário de leituras, às quais o autor recorre para tentar vencer a desorientação. As leituras diversas registradas servem assim como um auxílio emergencial. No contexto crítico, ajudam com explicações, ainda que provisórias, assumem o papel de embasar a enfiada de hipóteses não sem fundamento, mas arranjadas em parte pelo mal-estar irritado do autor. À enxurrada de desatinos que o bolsonarismo faz avançar, Lísias procura opor formulações capazes de estabilizar ao menos provisoriamente um ou outro sentido reconfortante. Dessa forma, irá afirmar, entre outras coisas, que “o gosto por apanhar parece fazer parte da personalidade de amplos espectros da população brasileira” (Lísias, 2020, p. 63), ou que os eleitores de Bolsonaro nas classes altas de São Paulo foram levados à má escolha em razão de um desequilíbrio financeiro e da disfunção sexual que ele acarreta (Lísias, 2020, p. 68). Como se vê, não são afirmações às quais se negaria teoricamente a possibilidade de fundar um lastro (bibliográfico e empírico), mas, na leitura do *Diário*, parecem ter outro propósito, mais experimental, performático, de contrapartida mesmo à excedência.

Entre todas as asserções dessa natureza, por isso mesmo, destaca-se uma, na qual o autor insiste: a ideia de um “Nada como matriz política” (Lísias, 2020, p. 49) do bolsonarismo. Esse “nada” é algo que Lísias encontra na leitura de *Michel Temer e o fascismo comum* (2018), de Tales Ab’Saber. Não é o caso de discutir aqui a viabilidade propriamente do conceito. O que interessa é por que ele insiste no diário. A cada nova presepada do governo Bolsonaro ou, pior, a cada ato de violência do bolsonarismo, no seu entendimento, estaria a manifestação do Nada (caixa-alta). Apenas um Nada, ao que parece, dá conta de traduzir o excesso, inclusive o discursivo, o que chama de “vagalhão destrambelhado de alucinações”, que inclui “marxismo cultural”, “ditadura gayzista”, “domínio da esquerda nas universidades” (Lísias, 2020, p. 89). O interesse é assim pelo Nada que deixa de ser nada, porque se materializa constantemente em algo concreto e violento. E, mais uma vez, o interesse é por enfrentar o que não se absorveu ainda. A

caixa-alta no substantivo faz pouca diferença, não dissimula a intenção funcional do que não chega a ser conceito, mas deve oferecer uma resposta tão ampla quanto provisória ao que se apresenta no dia a dia como brutalidade e caos.

Um tanto do mesmo

Fooquedeu, de Nuno Ramos, traz igualmente a definição do gênero literário no título, entre parênteses, (*Um diário*), como que suspendendo um pouco o entendimento genérico. O formato é diferente do encontrado no livro de Ricardo Lísias. As entradas não trazem datas, mas títulos, e com eles a implicação de temas, desenvolvidos em textos nos quais sobressai a intenção literária e ensaística. Não se acompanha desse modo nenhuma cronologia e não há sempre um ponto de apoio externo para vincular objetivamente os enunciados com a datação da realidade histórica. Não significa que seja menos determinante no livro o tempo histórico. Na “Introdução”, que fecha o volume, o autor situa a redação dos textos “entre a véspera do impeachment de Dilma Rousseff (abril de 2016) e algum momento logo depois da eleição de Bolsonaro (janeiro de 2019)” (Ramos, 2022, p. 190), acrescentando um apêndice, “O baile da Ilha Fiscal”, datado de maio de 2020. A indicação não sublinha apenas o pertencimento à época específica, compreendida entre dois marcos políticos, mas parece também sinalizar que é necessária no título a relação entre o tempo pessoal e cotidiano, próprio ao gênero, e o histórico. É dizer que os textos apresentados como diário não seriam o que são não fossem os dias e as realidades o que são no momento. Mas é implicar, além disso, uma influência dos tempos sobre si sem implicar uma resposta imediata, pelo contrário, chamando a atenção para os seis anos que separam o trabalho nos primeiros “fragmentos” (definição do autor) e a publicação do título em 2022. A distância sugere um custo estético na preocupação com o acabamento. E a leitura confirma o critério artístico como pressuposto da reflexão com intenções de abranger um horizonte relativamente amplo. Não parece concluir o sentido de conjunto em *Fooquedeu* o autor recusar ao amadurecimento da própria trajetória artística “o chamado da Forma”, para enfatizar a politização que se impõe, como faz ainda na “Introdução” (Ramos, 2022, p. 192). Se a urgência dá o tom, se às vezes há impressão de desabafo, nem por isso a elaboração formal tem sua importância diminuída.

O desenho geral resultante do conjunto dos fragmentos no título de Nuno Ramos abrange, desse modo, uma série de discussões que excedem o assunto do bolsonarismo em seu processo de afirmação. Os interesses do autor são muitos, entram muitos no diário, da música popular ao futebol, da história da arte à literária e ao cinema, passando pelos temas centrais e existenciais da solidão, da angústia e da morte. Assuntos diversos considerados menos em si mesmos do que como extensões da reflexão sobre a própria atividade artística e, nesse sentido, como preferências da subjetividade que se constrói no texto ensaístico também. Vistos assim, os textos estão a meio caminho entre um diário íntimo e um de trabalho. Talvez se possa, em consequência disso, qualificar *Fooquedeu* como um diário lírico, isto é, um no qual se empenha a projeção do eu na modulação estética, musical muitas vezes, dos assuntos pensados. Visto à distância das linhas que sobressaem do conjunto, o diário não integra a discussão do bolsonarismo em ascensão senão pela forma como deve alterar o modo de o artista conceber-se enquanto tal, o que equivale dizer, aqui, que o diário de Nuno Ramos discute o bolsonarismo à medida que discute as possibilidades de relação efetiva entre seu trabalho, sua condição intelectual e a realidade histórica. Essa escolha permite uma aproximação pelo distanciamento em alguns fragmentos ou “rascunhos” (definição do autor). Quando fala, por exemplo, de uma raiva, ao mesmo tempo um “segredo” seu e um “grande amor”, e que faz desferir “socos nocauteadores bem no nariz de inimigos imaginários” (Ramos, 2022, p. 122), não é improvável que o leitor suponha, na base desse desejo, a presença de motivação ligada à vida cotidiana. O autor entretanto segue em direção inversa, afasta o cotidiano, para falar de uma raiva encontrada nos confins do tempo e do espaço:

[...] num buraco mais atraente e úmido, cheio de larvas, besouros, diários, carinhos, ilhas, piratas, segredos, bolas, cachorros, há uma raiva do próprio mundo, do mundo inteiro assim como ele é, é para mim desde o big bang, desde a formação do sistema solar, desde que as coisas foram, teriam sido ou se tornaram isso que se tornaram — desde que nasceram, procriaram, ganharam nome, estabilizaram-se nesse formato e nesse desenho (Ramos, 2022, p. 122).

É uma raiva que se amplifica e se estende a tudo que tem forma, tudo que resulta. É um recuo, não à toa, ao passado, uma desconfiança que atinge a inutilidade de todos os processos, aquém do desejo de superar no futuro o que é mais ou menos conhecido e, no entanto, dá a impressão de ser, no presente, excessivamente conhecido, como diz, “essa vida aí, a mixuruca, a paralítica, e não a fonte de todos os destroços” (Ramos,

2022, p. 122). Por um lado, fala o artista, e o que se fala aí não se separa do que se lê em outros rascunhos que *formam*, juntos, um processo de investigação artística. Por outro lado, no contexto do livro, o texto mostra como o assentamento do bolsonarismo, interditando as rotas de fuga, parece tensionar a insatisfação no autor pelas transversais. Pensar algo pior que a realidade imediata, como faz, talvez seja desprezar o que nela é desprezível. Um outro fragmento, “Vamos?” (Ramos, 2022, p. 21), parece ir no mesmo sentido, ao formular como quem falha um retorno ao passado pessoal que escapa e se recusa em cada imagem. Outro ainda (“Atentado em Nice”) constata que, a despeito da vontade de exílio, “não há para onde ir” (Ramos, 2022, p. 97).

O tempo indesejável está em tudo, em todos os textos de *Fooquedeu*, até a admissão, no apêndice, de que domina o momento a “estridência bolsonarista” (Ramos, 2022, p. 201). Essa estridência funciona como um ruído de fundo nas diferentes versões da crise intelectual. Vibra ao fundo nas imagens de si produzidas no texto, por exemplo, quando o autor desconfia semelhar “um bicho acuado, um pássaro que entra em casa e não sabe sair e fica batendo no vidro” (Ramos, 2022, p. 84). O lutador no chão abatido, em outros dois fragmentos (“Sono e luta” e “Sono dos anjos”), parece também embalar num rumor algo surdo o sentimento de falência. A discussão da insônia (“Solitária”) e da solidão (“O mais sozinho”, entre outros) completa em diferentes partes do diário o quadro do artista em crise, mas sempre em oposição à vida lá fora. A crise manifesta, pessoal e profissional, reconhecida sem hesitações nem termos atenuantes, assim como o vínculo dessa crise com os efeitos do “momento bolsonarista”, nas palavras do autor, capaz de “introjetar timidez ou autocensura” (Ramos, 2022, p. 187), surgem com todas as letras. É, portanto, na possibilidade de associar o desdobramento da crise artística com a visão da crise histórica que reside o verdadeiro interesse do diário. Ler os fragmentos ou “devaneios” (definição do autor) em que se formula o risco do trabalho artístico entre a concentração de todos os esforços e a aceitação de que há limites entre o “nem que seja a última coisa que eu faça” (Ramos, 2022, p. 26), na concepção e execução de um projeto, e o significado duplo do achado “fooquedeu” (foi o que deu e fodeu)³, na obra resultante, é ler o risco no processo histórico, no qual as coisas dão errado também.

³ Nuno Ramos diz ter escutado a frase com efeito aglutinante da artista Mira Schendel, após receber um elogio à sua obra (2022, p. 27).

Visto por esse ângulo, o do “fooquedeu”, o diário não deixa de ter certo aspecto resignado. A sua manifestação principal inclui o tratamento de um tema obsidente, uma noção de “mesmice como motor histórico”, a “tragédia imóvel” no país (Ramos, 2022, p. 47). A novidade difícil produz um sentimento de restauração do velho. O resultado é um desânimo que se desdobra assim “sob a maldição da mimese e da cópia” (Ramos, 2022, p. 60). Como que tomado pelo distúrbio da redundância (do Brasil brasileiro), o autor chega a ensaiar um ensaio sobre as formas do mesmo (“Verifique se o mesmo”). É o ensaio de um ensaio porque diz no texto como seria na verdade o ensaio que faria sobre a ideia do mesmo, que flerta com o fatalismo de um “circuito em retorno da nossa vida social, onde o Mesmo está sempre diante de Nós” (Ramos, 2022, p. 37). Rumo à virada bolsonarista, a crise máxima, no diário de Nuno Ramos, é admitir a desorientação como quem percebe esvair-se o critério, o exercício intelectual do discernimento. “Mas o que é que está acontecendo, afinal? Não será uma enorme crise da Semelhança, onde os opositores já não conseguem se distinguir uns dos outros? [...] O idêntico me domina, como à cena política fora de mim — o nojo que sinto será então de mim mesmo?” (Ramos, 2022, p. 34). Ao retornar à semelhança do próprio artista, essa pergunta última talvez seja a única chave, para abrir ou deixar, enfim, o inferno das simetrias. Se assim for, o assédio das semelhanças não terá sido apenas um devaneio, mas a estabilidade transitória possível, na qual procurou se apoiar, antes de decidir que, *mesmo* assim, tem que seguir em frente⁴.

Sem chão

A crise intelectual simultânea ao processo de afirmação do bolsonarismo é um assunto amplo e apresenta algumas dimensões. Por exemplo, num romance publicado em 2019 e que tematiza distopicamente a época, o escritor Bernardo Kucinski dispõe logo na abertura da narrativa um grupo de intelectuais detidos pelo regime denominado no livro como Nova Ordem, que continuam, pouco antes de serem fuzilados, ou

⁴ Essa discussão das semelhanças retoma em síntese uma reflexão começada no livro anterior de Nuno Ramos, intitulado justamente *Verifique se o mesmo* (2019). Neste, o tema é desenvolvido com a leitura de aspectos das obras de Machado de Assis, Graciliano Ramos, João Gilberto, Hélio Oiticica, Lygia Clark, Mira Schendel, Glauber Rocha, Caetano Veloso e Tunga. O sentido da reflexão aponta igualmente para uma crise no presente, “uma crise do mesmo e não da diferença, por semelhança e não por tensão entre opostos inconciliáveis (diferente, portanto, da crise dos anos 60, que levou à ditadura)” (Ramos, 2019, p. 11).

debatendo teorias defasadas, ou lamentando trabalhos inacabados, ou a falta da escova de dentes, sem poder prever que não será mais necessária (Kucinski, 2019, p. 9–19). Outra dimensão viu e formulou Paulo Roberto Pires em crônicas publicadas entre 2018 e 2019, posteriormente reunidas em livro intitulado *Diante do fascismo: Crônicas de um país à beira do abismo*. Nelas, são repreendidos pelo autor os intelectuais que subestimaram o avanço crescente no Brasil da extrema direita enquanto dirigiam críticas à esquerda e se arvoravam em suposta posição de neutralidade equilibrada, tão lenientes com o desastre em andamento quanto atentos à manutenção do lugar que ocupam no “mercado de ideias”. O que ele chamou então ironicamente de “intelectual sem posição” foi portanto a acusação de uma posição equivocada, equivocadamente ambígua ou mal-intencionada na sua ambiguidade em intelectuais que, não obstante a presença no espaço público, fizeram pouco da gravidade da situação e não cumpriram com seu papel, que, para o autor, incluiria “a defesa mandatária de um ponto de vista claro, às vezes de uma causa e, sempre, de um conjunto de valores” (Pires, 2022, p. 32). Por um lado, mostra a importância do contexto para a mobilização de um conceito normativo de intelectual público assim definido. Por outro, documenta como a realidade intelectual não foi determinada por esse conceito — ao menos não pela aplicação inteira e efetiva dele — nem sequer num dos momentos mais críticos da história recente do país, ou como nesse momento justamente a noção prescritiva vacilou para dar alguma ideia do tamanho da crise. Nesse mesmo sentido, outra intervenção que procurou lançar luz sobre a crise intelectual no contexto foi o filme *#eagoraoque* (2020), dirigido por Jean-Claude Bernadet e Rubens Rewald. Nele, é personagem o professor da USP e filósofo Vladimir Safatle, que aí se confronta e vê confrontada sua imagem, para acentuar o sentido de um deslocamento social do intelectual público e uma limitação na sua linguagem. Desafiando a exigência que faz conceber de forma engajada a ideia e cobrar a prática do intelectual público, casos complementares como esses parecem dizer a um tempo que é preciso ter posição e que só ter posição não basta. Uma crise ampla e uma circunstância nova como a do bolsonarismo fazem agravar, mas também confirmam a dificuldade própria à condição a que está sujeita em sociedade a condição intelectual⁵.

⁵ É como vê também a “sociologia dos intelectuais”, por exemplo, a de Louis Pinto: “É esclarecedora a hipótese de que os intelectuais se dividem entre vários polos em função do tipo de capital detido (filosófico, literário ou científico) e de sua relação com o campo de produção restrita ou o campo de produção ampliada, ou, se quisermos, com a universidade, as mídias e os poderes políticos e econômicos. Mas é preciso adicionar que os critérios estão longe de serem sempre claros e unívocos. A autonomia do

Aos diários de Ricardo Lísias e Nuno Ramos não faltam posições, mas não é isso que os torna realmente interessantes e distingue suas experiências. A posição neles é repetida e às vezes enfatizada, mas são outros dois pontos que devem aumentar seu interesse no contexto em questão. O primeiro tem a ver com o desconhecimento do que significa a crise do bolsonarismo, que avançou rapidamente e por isso teve um efeito desorientador, capaz de desorganizar a conceituação da realidade. As ideias de que o horror do bolsonarismo na atualidade se caracteriza por um Nada (Lísias) ou por um Mesmo (Ramos) têm menos interesse em si do que como evidência da difícil assimilação da novidade, a difícil compreensão do momento histórico que, além de novo, aparece muito confusamente, resiste à formação rápida de sínteses. Que existam no bolsonarismo e na crise que ele produz elementos anuladores (dos outros e dele próprio) e reiterantes (do passado que não passa) é uma coisa; outra coisa seria a elevação do Nada e do Mesmo à condição de categorias que encerram sua experiência. O Nada e o Mesmo não parecem conseguir explicar satisfatoriamente o fenômeno que enfrentam senão querer de algum modo conter o seu avanço ou, quem sabe, acabar com sua existência, retirando dele, ao menos em pensamento, a possibilidade de ser algo (é Nada) e ser próprio (é Mesmo). Como isso não está obviamente ao alcance das suas ideias, os dois autores não parecem preocupados com a demarcação precisa dos limites que o Nada e o Mesmo devem impor. O apelo tão abrangente quanto filosoficamente suspeito das noções é sobretudo força das circunstâncias e do contexto de enunciação. No contexto dos diários, servem à elaboração do que precisa ser elaborado: do contrário, é a própria sequência da vida e do trabalho que se compromete. Aqui entra o segundo ponto de interesse. Os diários não ficcionalizam exatamente o cotidiano, mas fazem dele uma representação e, para os autores, uma autorrepresentação. Mesmo *Fooquedeu*, que não traz datações, como o *Diário da catástrofe*, deixa ler e imaginar um dia a dia a partir da autorrepresentação, do que pensa e sente o autor. Nas representações que fazem de si, em meio ao desastre que caracteriza o presente, ao mesmo tempo que expõem o vínculo entre a atividade do indivíduo intelectual e a forma

intelectual não pode ser objeto de uma certificação absoluta e definitiva, ela é uma norma e, como tal, alvo de falhas e mal-entendidos. Por mais livres e rigorosos que sejam, alguns intelectuais se desnorteiam em novas situações e são levados a improvisar, ou seja, na realidade, a se deixarem conduzir por suas disposições e pelo espírito do tempo ou, simplesmente, a cederem às solicitações de um círculo próximo. Às vezes é difícil medir a capacidade de um indivíduo de avaliar as reais implicações de tomadas de posição sobre questões complexas, sobredeterminadas por lógicas de demarcação e aliança” (2023, p. 119–120).

que essa atividade toma, abrem espaço para o desvio que prevê a norma. Não constataam apenas os movimentos em falso, mas operam com eles. Não tomam simplesmente a forma do intelectual que erra, mas admitem o erro como parte do trabalho que não sai ileso da crise porque é parte dela também.

Referências bibliográficas

#eagoraoque. Direção: Jean-Claude Bernadet e Rubens Rewald. Produção: Confeitaria de Cinema, 2020.

KUCINSKI, Bernardo. *A Nova Ordem*. São Paulo: Alameda, 2019.

LÍSIAS, Ricardo. *Diário da catástrofe brasileira – Ano 1: o inimaginável foi eleito*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2020.

LÍSIAS, Ricardo. *Diário da catástrofe brasileira – Ano 2: um genocídio escancarado*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2021.

MORAES, Dênis de. *Intelectuais em tempos de crise: a batalha das ideias, a democracia e o pluralismo*. Canal do IEA-USP no YouTube, 26 de out. de 2022.

PINTO, Louis. *Sociologia dos intelectuais*. Tradução: Elisa Klüger. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023.

PIRES, Paulo Roberto. *Diante do fascismo: crônicas de um país à beira do abismo*. São Paulo: Quatro Cinco Um, 2022.

RAMOS, Nuno. *Fooquedeu: (um diário)*. São Paulo: Todavia, 2022.

RAMOS, Nuno. *Verifique se o mesmo*. São Paulo: Todavia, 2019.

Recebido em: 01/07/2024

Aceito em: 10/08/2024

ⁱ **Daniel R. Bonomo** é professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (Fale-UFMG). É editor na revista *Pandaemonium Germanicum* (FFLCH-USP) e colaborador do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa (IELT-FCSH-UNL). **E-mail:** drbonomo@gmail.com